

**Análise sintetizada da obra de José Saramago,
Memorial do Convento**



Breve biografia de José Saramago

José Saramago, nasceu em 16 de novembro de 1922 e faleceu em 18 de junho de 2010. Devido à pobreza de sua juventude, apenas concluiu os estudos secundários, entretanto foi um autodidata. Foi um homem que mesmo enfrentando dificuldades financeiras, conseguiu dedicar-se à literatura, alcançando total consagração como literato.

O auge de sua carreira literária chegou em 1998, quando ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, redimindo os organizadores deste prêmio, em relação à rica produção literária portuguesa.

Esse foi o reconhecimento máximo do mundo das letras, recebido pelo autor. Contudo, ela há muito já tinha tido seu talento reconhecido, pois seus livros, já tinham sido traduzidos nos quatro cantos do planeta.

Dentre as suas muitas obras, está ["Memorial do Convento"](#), de 1982, considerada sua obra-prima e foi este romance que fundamentou o presente trabalho analítico.

Análise da obra Memorial do Convento

Estrutura da Obra

O romance está dividido em 25 capítulos, não numerados.

Espaço

A ação se desenvolve em dois espaços distintos. Um é a cidade de Lisboa, que representa o poder. O outro é a cidade de Mafra e seus arredores, onde será construído o convento que intitula a obra.

Tempo

O tempo narrativo é linear e tem duração de 22 anos, iniciando-se a narrativa em 1717 até 1739, com a morte do personagem Baltasar.

Foco narrativo

O foco narrativo do romance é do tipo múltiplo, com predominância da 3^a pessoa, embora o narrador, em alguns trechos, também faça uso da primeira pessoa.

Foco narrativo em primeira pessoa:

Lisboa ali estava, oferecida na palma da terra, agora alta de muros e casas. (p.39)

Foco narrativo em terceira pessoa:

Por baixo desta tribuna em que estamos, outra há, também velada de gelosias, mas sem construção de armar, capela fosse ou ermitério, onde apartada assiste a rainha ao ofício, nem mesmo a santidade do lugar tem sido propícia à gravidez. (p.12)

Foco narrativo múltiplo (terceira e primeira pessoa):

Caminhava no meio de fantasmas, de neblinas que eram gente. Entre os mil cheiros fétidos da cidade, a aragem noturna trouxe-lhe o da carne queimada. Havia multidão em S. Domingos, archotes, fumo negro, fogueiras. Abriu caminho, chegou-se às filas da frente. Quem são,

perguntou a uma mulher que levava uma criança ao colo; de três sei eu, aquele além e aquela são pai e filha que vieram por culpas de judaísmo, e o outro, o da ponta, é um que fazia comédias de bonifrates e se chamava Antonio José da Silva, dos mais não ouvi falar. (p. 347)

Personagens históricos

Em Memorial do Convento, existem personagens reais e históricas, pertencentes ao século XVIII, são eles:

D. João V, rei de Portugal, a quem era atribuída grande sabedoria, mau humor e sexualidade exagerada. No romance, está retratado como um libertino, libidinoso e vulgar, que tinha mania de montar réplicas da Basílica de São Pedro.

D. Ana Maria Josefa, princesa austríaca que se tornou rainha de Portugal, ao casar com D. João V. Possuía uma personalidade fraca, fisicamente frágil, além de ter uma extremada religiosidade.

Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, brasileiro, apelidado de %o voador+ por ter inventado a %assarola+ (uma espécie de navio em forma de ave); morreu na Espanha, em 1724, louco, conforme nos mostra a história.

Domênico Scarlatti, músico italiano, compôs inúmeras músicas para o cravo e realmente esteve em Portugal, por algum tempo, ensinando música para a infanta D. Beatriz.

Personagens de ficção

Essas personagens, retratam a coragem e, sobretudo, o lado humano dos indivíduos, que lutam por mudar o próprio destino. São elas:

Blimunda de Jesus ou **Blimunda Sete Luas**, jovem com 19 anos; forte e decidida, porém uma criatura diferente, que enxerga as pessoas %por dentro+, se estiver em jejum. Ama Baltasar e assim que o vê sabe que ele será seu amor para sempre. Após perdê-lo de vista, peregrinou por

nove anos pelo território português, reencontrando-o morto numa fogueira, condenado pela Inquisição.

Baltasar Matheus ou **Baltasar Sete Sóis**, rapaz de 26 anos; forte e destemido, fora soldado e, na guerra, perdeu a mão esquerda. Também ama Blimunda, embora não comprehenda seus poderes paranormais. Compromete-se a ajudar o Padre Bartolomeu a construir a %passarola%.

Outras personagens

João Elvas, Manuel Milho, José Pequeno, Álvaro Diogo e Inês Antônia (cunhado e irmã de Baltasar), Marta Maria e João Francisco (mãe e pai de Baltasar).

A pontuação utilizada pelo autor

No princípio, se tem certa dificuldade de saber quem fala, pois os parágrafos não têm a devida pontuação. Os diálogos entre as personagens são introduzidos por vírgulas que se colocam entre os discursos diretos. Só conseguimos saber quem se manifesta, porque após a vírgula a palavra inicia-se com letra maiúscula, aludindo para a mudança de personagens.

Mas a conversa entre João Elvas e o homem que falara da pedra continuou mais adiante, disse o velho, De Mafra era um amigo meu de há muitos anos, nunca mais tive notícias dele, vivia em Lisboa, um dia desapareceu-me da vista, coisas que acontecem, quem sabe se teria voltado para a terra, Se voltou para lá, talvez eu o tivesse encontrado, que nome era o dele, Chamava-se Baltasar Sete Sóis e era maneta da mão esquerda,ficou-lhe na guerra, Sete Sóis, Baltasar Sete Sóis, não conheci eu outra pessoa, fomos camaradas no trabalho, Fico muito contente, afinal o mundo é bem pequeno, Viemos dar os dois a esta estrada, e temos o mesmo amigo, Sete Sóis era um bom homem, Terá morrido, Não sei, acho que não ... (p. 301)

Síntese da obra

O romance nos mostra a nobreza de Portugal, por volta do ano de 1712, no século XVIII, contando a história de D. João V, casado com Dona Ana Maria Josefa da Áustria, há dois anos, que até então não havia conseguido gerar um herdeiro real, apesar de todas as suas diárias preces.

Em uma noite que o rei se preparava para ir ao quarto da rainha, em mais uma tentativa de fazê-la engravidar, recebeu a visita inesperada de D. Nuno da Cunha, o bispo inquisidor, que veio acompanhado de um idoso franciscano, Frei Antonio de São José, trazendo uma notícia urgente.

O rei atendeu-os, ouvindo deste frei, que se, ele construísse um convento na vila de Mafra, sua mulher ficaria grávida, dando-lhe o tão esperado sucessor. O desafio foi aceito pela majestade, que se comprometeu com a tal construção, caso se confirmasse a premonição.

Realmente a rainha gerou uma criança, mas esta nasceu mulher e não um varão, como desejava o rei. Contudo, a promessa referente ao convento tinha que ser cumprida.

A partir desse momento, toda a obra discorre sobre os acontecimentos diretamente ligados a nobreza de Portugal: suas riquezas, que vinham da Índia e do Brasil; as dificuldades do povo ~~arraia-miúda+~~, ou seja, dos pobres; a guerra que travavam com os franceses; a sujeira e a miséria das ruas de Lisboa, bem como as doenças que acometiam todas as classes sociais, matando ricos e miseráveis, como por exemplo, o primogênito do rei Dom Pedro, aos dois anos de idade e o filho de Inês Antônia e Álvaro Diogo, trabalhadores, da mesma enfermidade.

A obra também retrata o poder da Igreja Católica e as facilidades do Clero naquela época, mostrando a falsidade dos religiosos e a perversidade da Inquisição, que condenava à morte ou bania para Angola todos aqueles que fossem considerados ~~desobedientes+~~às leis católicas.

O frade tateou os pés de Blimunda já as saias foram atiradas para cima, já o hábito arregaçado, a mão avança a reconhecer o caminho, estremeceu a mulher, mas não faz outro movimento, jubiloso o frade empurra o membro para a invisível fenda, jubiloso sente que os braços da mulher se fecham nas suas costas, há grandes alegrias na vida de um dominicano. (p.335)

Também temos a história do padre Bartolomeu, que sonhava voar e, com a permissão e ajuda do rei, pretendia construir a %passarola+, uma espécie de máquina voadora, com velas, proa e popa, como um navio, mas com formato de uma ave.

O romance nos mostra o sofrimento de um povo explorado, que trabalhava em benefício da nobreza, assim como a escravidão de outros povos, cujos indivíduos não vinham por espontânea vontade, mas eram trazidos à força, retirados de sua família, para que o rei conseguisse acabar a construção do convento de Mafra. Um rei dominado pela vaidade, que almejava construir algo tão importante quanto a Basílica de São Pedro, em Roma, que o mesmo idolatrava.

A classe dominada de Portugal é representada, mais fortemente nas personagens de Baltasar e Blimunda, ausentes apenas nos três primeiros capítulos; a história desse casal compõe o tema central e mais comovente da obra, unindo-os a trama toda. Essa questão caracteriza o traço neorrealista do autor, isto é, o casal popular contrastando com as camadas dominantes, no caso, a realeza e o clero.

Sete Sóis teve o corpo mutilado, em nome do Estado português, mas após perder a mão, em batalha, foi descartado pelo exército e pela sociedade de seu país, sem sequer receber pensão pelos serviços prestados.

Sete Luas era filha de pai desconhecido e de uma mãe que enxergava coisas e ouvia vozes e que por isso foi condenada pela Inquisição, ao desterro em Angola. Assim como sua mãe, é também portadora de %dons míticos+e, estando em jejum, consegue enxergar o que tem dentro do corpo de cada um.

Este casal tem o destino unido pelo amor, marcado por todo tipo de infortúnios, para realçar a injustiça praticada pelas classes dominantes com as classes inferiores. Ao realçar as dificuldades destes dois personagens, Saramago além de mostrar-se anticlerical, através da sátira religiosa, critica e desmistifica a nobreza lusitana.

É Baltasar e Blimunda que auxiliam o Padre Bartolomeu a construir a %passarola+. Ele constrói a parte bruta e mecânica, com ferros e vime; ela, além de ajudar com a costura das velas, é encarregada pelo padre, para conseguir o éter que faz a %passarola+voar. Esse éter é, segundo o padre, a

vontade humana e então, usando seu poder paranormal, em jejum, ela sai com Baltasar para reunir as vontades das pessoas, na tentativa de que esses desejos coletivos aliados às esferas de âmbar, que o padre havia conseguido, façam com que o invento alce voo.

Contudo, nem sempre eles trabalharam na %passarola+. Baltasar já trabalhou no açougue, nas terras de seu pai, e até mesmo na construção do convento de Mafra. A história detalha em pormenores todas as situações, roupas e espaços geográficos. O narrador diz como o rei conseguiu garantir sua sucessão, sobre como o convento foi erguido e também do êxito do Padre Bartolomeu, na elaboração do projeto, que depois de ter voado na %passarola+, ao descer, já está sendo procurado pela Inquisição, tendo que fugir para a Espanha, onde morre louco, após quatro anos.

Durante todos estes anos, o casal vinha caminhando léguas para cuidar e manter escondida a %passarola+, esperando o retorno do padre. É justamente na última caminhada, tentando consertá-la, que Baltasar ao quebrar as tábuas do convés onde pisava e, estando com o gancho que a muito mandara fazer em substituição da mão perdida, escorrega e com ele solta as velas da máquina voadora. Quando as esferas de âmbar recebem a luz solar, a mesma é lançada em voo. A partir daí nada mais se sabe de Baltasar. O rei querendo que o convento fosse inaugurado ainda enquanto ele vivesse, o faz na data em que está completando quarenta anos, embora o prédio ainda não estivesse acabado. Nesse mesmo dia, Blimunda sai a procura do marido.

Essa busca dura nove anos. Ela caminha por todo Portugal e às vezes, até entra no território espanhol, retornando sempre que ouve a língua diferente da sua. Seu primeiro encontro com o marido desaparecido foi num auto-de-fé, onde sua fora mandada para Angola. Agora, passados nove anos, em busca de seu homem, ela volta a Lisboa, encontrando-se novamente em outro auto-de-fé. Estando sem comer a vinte em quatro horas, ainda tem comida no alforje, mas uma voz interna lhe diz que está chegando o momento de reencontrar Baltasar e que não deve comer. Blimunda começa então, a perguntar às pessoas, quem são os que ali estão condenados pela Inquisição. Uma mulher, que traz nos braços uma criança, identifica apenas três, entre os onze, que serão supliciados (queimados) e apontando, indica um que está mais ao extremo e que chamou a atenção de Blimunda, por não ter a mão esquerda.

Ela jurara nunca olhar Baltasar por dentro, olha para o lado onde, ardendo em uma fogueira, encontra-se um homem barbudo, parecendo mais novo, pela fuligem preta na barba, em cujo braço esquerdo falta a mão. Neste momento, Blimunda enxerga-o bem no centro de seu corpo. Vê uma nuvem fechada. Ela sabe o significado disso, muitas vezes para o padre ela as reuniu. Essa nuvem é a vontade da pessoa, que ao morrer, vai para as estrelas; as mesmas vontades que também fizeram a %passarola+ voar. Neste instante, ela diz: - vem, e a vontade se desprende de Baltasar, mas não sobe às estrelas, permanece na terra, pois ele queria continuar pertencendo a terra e a Blimunda.

Conclusão

Memorial do Convento não pode ser visto como um romance histórico, tampouco como uma história romântica. Na verdade, trata-se de uma obra com princípios políticos-ideológicos, conforme as ideias do %Nouveau Roman+e da corrente neorrealista, onde o escritor debate as questões ligadas à dignidade da existência humana, como a vida, a morte, a escravidão, o prazer, a justiça, a miséria, a riqueza e a religião.

Neste livro, José Saramago propõe ao leitor, discernir entre as propostas ideológicas presentes na obra e as suas próprias ideologias, utilizando-se de um texto mais argumentativo do que narrativo, para problematizar os ideais do homem contemporâneo, através do que já ocorreu no passado.

Dados Bibliográficos

MONIZ, Antonio. **Para uma leitura de Memorial do Convento: uma proposta de leitura crítico-didático.** Presença: Lisboa, 1995.

DEL PINO, Dino. **O narrador excêntrico do Memorial do Convento.** UFRGS: Porto Alegre, 2003.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento.** Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2004.

